

Sobre a tradição oriental

(nota ao artigo anterior)

Profa. Dra. Chie Hirose¹

O Prof. Jean Lauand pediu-me uma nota, com um par de exemplos, a título de breve indicação para o caso do Oriente, dos temas de que tratou nesse seu artigo.

Em outra ocasião, em co-autoria, publicamos o estudo “Fingir para Germinar: Educação e Antropologia”², em duas partes; a primeira, escrita por ele; a segunda, por mim. Para esta nota, começarei recolhendo algumas considerações da parte I, do artigo citado³.

Desde Platão, tornou-se evidente o caráter problemático do educar para a virtude; o que, evidentemente, transcende o âmbito meramente intelectual e envolve o homem como um todo: alguém pode conhecer profundamente as teorias morais, as classificações das virtudes, as doutrinas religiosas mais santas... e ser pessoalmente um canalha. Não que não seja importante - e mesmo uma valiosa ajuda - o estudo dos clássicos da ética, mas sempre haverá algo mais do que estudo, quando se trata de aperfeiçoamento moral.

Neste ponto, tipicamente falando, os Orientes levam uma vantagem sobre nós: enquanto o Ocidente aposta na formação intelectual; os Orientes, independentemente de teorias que as legitimem, tendem a práticas que consideram o homem como um todo: em sua unidade espírito-corpo, ao menos em muitas de suas propostas pedagógicas, que partem precisamente de uma ação corporal, exterior, para atingir um efeito espiritual, interior.

É o que o notável sinólogo Sylvio Horta denomina “pensar com o corpo”, típico do Oriente e – em algumas instâncias – também da tradição ocidental.

Por mais acentuado que seja o racional nos gregos, originariamente foi temperado pela aceitação do mistério (baste recordar o discurso de Diotima no *Banquete* de Platão) e da comezinha realidade quotidiana, como base de todo o pensamento. Assim, não é de estranhar que praticamente uma mesma cena se encontre no grande Heráclito e na tradição budista oriental.

¹. Doutora em Educação pela Feusp. A presente nota é a versão modificada do tópico 1 do capítulo 3 de *A Experiência do Corpo na Cerimônia do Chá - subsídios para pensar a educação*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Educação da USP (2010).

². Revista Internacional d’Humanitats No. 20, 2010 <http://www.hottopos.com/rih20/index.htm>

³. Lauand, Jean <http://www.hottopos.com/rih20/jean.pdf>

O Mercador de Óleo⁴

Um dia, quando o Mestre Ch'an Chao-chou estava a caminho para o Distrito T'ung-cheng, ele encontrou o Mestre Ch'an Ta-t'ung de T'ou-tzü Shan e perguntou: "É você que é o Mestre de T'ou-tzü Shan?".

Ta-t'ung, acenando com sua mão, apregoava: "Sal, chá e óleo. Por favor, comprem!"

Chao-chou, ignorando-o, rapidamente continuou seu caminho para o templo. O Mestre Ta-t'ung seguiu atrás e chegou ao templo com uma garrafa de óleo na mão. Chao-chou disse a ele desdenhosamente: "Eu tenho ouvido falar do nome do grande Mestre Ta-t'ung de T'ou-tzü Shan por um longo tempo. Contudo, eu somente vejo um mercador de óleo".

Ta-t'ung contestou: "Eu também tenho ouvido falar que Chao-chou é um mestre Ch'an, mas de fato ele não difere em nada de uma pessoa comum. Você somente vê o mercador de óleo e não vê o verdadeiro T'ou-tzü".

Chao-chou perguntou: "Por que você diz que eu sou uma pessoa comum? O que é T'ou-tzü?".

O Mestre Ta-t'ung levantou a garrafa de óleo e gritou: "Óleo! Óleo!"

O que é "T'ou-tzü?", perguntou Chao-chou, para quem a única resposta foi "Óleo! Óleo!". Arroz, sal, chá e óleo — os alimentos básicos da vida chinesa — tal é o ensinamento do Mestre T'ou-tzü.

Tempos depois, antes de morrer, o mestre Ta-t'ung disse que voltaria se a *stupa*⁵ estivesse vermelha.

Cem anos depois, quando os discípulos consertavam a *stupa*, encontraram *sharira*⁶ vermelha.

Nesse tempo, veio morar no templo o mestre Yi Tching.

Todos diziam que ele era a reencarnação do Mestre Ta-t'ung.

O mestre Yi Tching escreveu um poema na *stupa*:

As nuvens jamais podem ser aprisionadas
Grandes Montanhas Verdes não podem ser cobertas
Nas noites frias a luz do luar circunda a *stupa*
Na profunda noite de outono ouve-se apenas o sussurro dos
pinheiros

⁴. Hsing Yün *Contos Ch'an* vol. 1 São Paulo, Shakti, 2000, pp. 50-51

⁵. Originalmente as *stupas* eram monumentos memoriais construídos para guardar restos mortais do Buda histórico e de outros Bodhisattvas. Também serviam como lembranças simbólicas de vários eventos importantes na vida do Buda Shakyamuni. A veneração de *stupas*, nas quais o Buda está "presente", tem sido conhecida desde os primórdios do budismo. Tal veneração é feita por circunvoluções na *stupa* no mesmo sentido do curso do sol. Todavia isto não quer dizer que as relíquias são veneradas, mas, melhor dizendo, a *stupa* serve de suporte à meditação e como uma lembrança simbólica do estado desperto da mente.

⁶. Relíquias do Buda Shakyamuni ou de outro Bodhisattva, comumente veneradas e preservadas em *stupas*.

Quem é T'ou-tzü?

É um mestre cujo ensinamento é tão próximo de nós como o sal, o arroz, chá e o óleo, indispensáveis à vida cotidiana.

Como acabamos de ver no artigo anterior de Lauand, episódio semelhante é protagonizado por Heráclito de Éfeso:

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé (impressionados sobretudo porque) ele os encorajou (eles ainda hesitantes) a entrar, pronunciando as seguintes palavras: "Mesmo aqui os deuses também estão presentes"⁷

Também aqui o sábio não divaga por regiões etéreas, desvendando os arcanos dos deuses, mas encontra-se prosaicamente aquecendo-se junto ao fogão. Heidegger comenta:

Mesmo aqui, junto ao forno, mesmo neste lugar cotidiano e comum onde cada coisa e situação, cada ato e pensamento se oferecem de maneira confiante, familiar e ordinária, "mesmo aqui", nesta dimensão do ordinário, os deuses também estão presentes. A essência dos deuses, tal como apareceu para os gregos, é precisamente esse aparecimento, entendido como um olhar a tal ponto compenetrado no ordinário que, atravessando-o e perpassando-o, é o próprio extraordinário o que se expõe na dimensão do ordinário⁸. (...)

Comum a ambas as tradições é também o silêncio como instância privilegiada para grandes pensadores como Tomás de Aquino ou Pseudo-Dionísio Areopagita, como mostra a tese de Roberto Castro⁹:

Ao aconselhar Timóteo a buscar esse conhecimento, o autor (Pseudo-Dionísio) sugere como que um "método" para chegar à contemplação mística. Segundo ele, é preciso renunciar aos sentidos, às operações intelectuais, ao sensível e ao inteligível, despojar-se de tudo o que existe, deixar de lado o entendimento e distanciar-se de si mesmo e de todas as coisas. Aqui é revelado o estado místico, ou seja, o estado da alma que deseja unir-se a Deus, que está "além de todo ser e de todo saber" – algo muito bem definido, que não se confunde com uma mera meditação ou uma oração, visto que estas são sensações que também devem ser

⁷ Aristóteles *apud* Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, p. 22.

⁸ Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, pp. 23-24.

⁹ Castro, R. C. G. *Negatividade e participação: a influência do Pseudo Dionísio Areopagita em Tomás de Aquino – teologia, filosofia e educação*. Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) para obtenção do título de Doutor em Educação, 2009 .

abandonadas. Trata-se, como o Pseudo Dionísio Areopagita dirá em seguida, de um absoluto silêncio.¹⁰

Não estamos longe dos ensinamentos das grandes tradições orientais, como no exemplo do conto Ch'an:

O que é ensinado?¹¹

Um monge que estudava a doutrina budista perguntou ao mestre Ch'an Ma-tsu Tao-i: "O que é ensinado na tradição Ch'an?"

Ma-tsu perguntou: "O que você ensina?"

"Já ensinei mais de vinte *sutras* e *shastras*."

Ma-tsu exclamou: "Você deve ser Manjushri, O que montou o leão!"

O monge protestou: "Não ousaria alegar tal coisa".

Então, Ma-tsu emitiu um som: "Sssssh!"

O monge afirmou enfaticamente: "Esse é o ensinamento".

"Que tipo de ensinamento?", perguntou Ma-tsu.

"O ensinamento de um leão saindo de sua toca."

Ma-tsu ficou em silêncio.

O monge complementou: "Não falar também é um tipo de ensinamento".

"Que tipo de ensinamento?", indagou Ma-tsu. "O ensinamento do leão ficando em sua toca."

Ma-tsu perguntou então: "Quando não existe dentro ou fora, qual é o tipo de ensinamento?"

Enfim, o monge não soube responder e pediu licença para partir. Ma-tsu acenou para que se aproximasse: "Venha cá".

O monge virou a cabeça.

Ma-tsu perguntou: "Que tipo de ensinamento é esse?"

O monge continuou sem conseguir responder.

Ma-tsu declarou: "É O ensinamento de um tolo!"

O Ch'an não depende de nenhum tipo de linguagem escrita ou falada. O Buda Shakyamuni ensinou durante 49 anos, em mais de 300 ocasiões. Apesar disso, alegava nunca ter pronunciado uma única palavra. Nesse momento, ele não estava mentindo. A verdade é sempre a verdade e falar não engrandece nem rebaixa a verdade. Milhares de palavras não são, necessariamente, superiores ao silêncio.

Recebido para publicação em 09-12-10; aceito em 18-12-10

¹⁰ Pp. 154-155.

¹¹ Hsing Yün *Contos Ch'an* vol. 2 São Paulo, Mirian Paglia, 2004, pp. 82-83.